

PSDB dará apoio a Lula mas não subirá em palanque

João Bosco Rabello
e Teodomiro Braga

BRASÍLIA — Embora dependa da reunião do Diretório Nacional, sexta-feira, para formalizar sua posição no segundo turno da eleição presidencial, o PSDB já está decidido a manifestar apoio oficial ao candidato da Frente Brasil, Luís Inácio Lula da Silva. Mas, segundo levantamento que a direção do partido tem em mãos, o apoio a Lula será apenas formal, com a maioria das lideranças regionais evitando o engajamento na campanha. Na banca federal de 60 parlamentares, por exemplo, apenas 16 são contabilizados no contingente que defende a neutralidade no segundo turno. Os 44 restantes sustentam o fechamento de questão contra Collor de Mello e o apoio, com reservas, a Lula.

Essa posição começará a ficar clara na reunião de hoje da Executiva Nacional do partido, que produzirá uma nota excluindo a possibilidade de apoio a Fernando Collor, vetando a discussão sobre cargos no futuro governo e expondo posição majoritária contra a omissão no segundo turno. É provável que seja incluído, ainda, um item estabelecendo que a natureza do apoio ao candidato da Frente Brasil Popular será institucional.

Tendências — A reunião seguinte, da bancada federal, depois de amanhã, também não reserva surpresas. Em encontros informais, os parlamentares que a integram concordaram com a necessidade de manifestar apoio a Lula e de não permitir riscos à conquista do eleitorado classe média que emprestou ao partido a característica de centro-esquerda que sempre perseguiu. No mais recente desses encontros, anteontem à noite, na residência do líder do partido na Câmara, deputado Euclides Scalco (PR), essa tendência foi confirmada, com exceção da deputada Moema São Thiago, que tem dificuldades regionais para apoiar Lula.

O caso de Moema São Thiago é ilustrativo do que acontece em quase todos os estados, onde a militância do PT rejeita alguns apoios de lideranças do PSDB. O deputado Jaime Santana, por exemplo, manifestou publicamente seu apoio a Lula, mas espera críticas do PT maranhense ao seu nome, a exemplo do que já ocorreu com o pedetista Jackson Lago. "Se me atacarem, dou meu voto lá na urna, mas não mexo um dedo na campanha", disse Santana.

A grande queixa dos "tucanos" com relação ao PT é a de que este não tomou a iniciativa de procurar a dire-



Jaime Santana

ção com um pedido concreto de apoio. O próprio candidato, senador Mário Covas, acusa o PT de querer cooptá-lo, em vez de investir numa proposta partidária. "Eles optaram pela cooptação em detrimento da negociação política, senão já teriam procurado o partido", constatou um dirigente paulista.

Queixas — O fantasma de Collor também rondou e irritou o PSDB. Muitos parlamentares, como o deputado José Serra (SP), foram dados como receptivos a propostas do PRN, o que gerou desmentidos veementes. Serra, por exemplo, queixou-se a amigos e correligionários, aos quais garantiu não ter mantido qualquer contato com Collor ou intermediários, negando também a hipótese de participar de seu governo, caso seja eleito.

O senador Mário Covas ficou particularmente irritado com a declaração do assessor de Collor, Cláudio Humberto, de que sua rejeição ao candidato do PRN deve-se a um arroubo juvenil, próprio de integrantes de grêmios estudantis. E o próprio Collor foi inábil ao dizer que o PSDB lhe serviria como uma moldura. "Ele ouviu falar que temos quadros e pensou logo numa moldura", disse Fernando Henrique.

As pendências regionais que impedem um apoio mais engajado do PSDB a Lula estão principalmente nos estados de São Paulo e Paraná, o que explica a postura até aqui reticente da bancada paulista, do senador José Richa e do deputado Euclides Scalco, ambos paranaenses.